

PAULISTANÊS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA LABOVIANA

Flávio Biasutti Valadares
Doutor em Língua Portuguesa/PUC-SP
Pós-Doutorando em Lusofonia/UPM
Docente IFSP/Campus São Paulo

RESUMO

O artigo trata de regionalismos paulistanos sob a perspectiva da variação linguística; objetiva analisar termos tipicamente da capital paulista, assinalados pelo uso de sua população; ampara-se na teoria laboviana e na lexicologia; como metodologia, utiliza a coleta de dados a partir de um dicionário com uma seleção de palavras para discussão e análise; conclui que existem palavras bastante específicas e características de uso no âmbito sociocultural do paulistano, a que se denomina comumente paulistanês.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Regionalismos. Paulistanês.

INTRODUÇÃO

Conforme Biderman (1996, p. 27), “o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”. Considerado o que a autora indicia, analisamos, neste artigo, os usos de termos tipicamente paulistanos, com o objetivo de mostrar as características do léxico da capital paulista. Para tanto, utilizamos a base teórica da variação e mudança linguística, de linha laboviana e aspectos da lexicologia.

Andrade (1998, p. 189) define lexicologia como o estudo científico do léxico, ou seja, “propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança”; a autora coloca que cabe à lexicologia, entre outras tarefas, “definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia”.

Guerra e Andrade (2012, p. 230) afirmam que “o léxico situa-se numa intersecção linguística que absorve informações advindas de caminhos diversos, ou seja, da fonética e da fonologia; da semântica; da morfologia; da sintaxe e das situações comunicativas, ou seja, da pragmática”. Biderman (1996) explicita que o léxico é um dos mais afetados por influências externas, haja vista que, como o tesouro vocabular de uma língua, ele perpetua a herança

cultural de uma sociedade por meio dos signos verbais, sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade social.

Biderman (2001) afirma que o léxico pode ser entendido enquanto sistema aberto e em constante expansão. Ele não se cristaliza porque é algo vivo, em constante transformação. Para Dubois *et al* (1993, p. 364), o léxico na linguística designa “o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc. Por essa razão, *léxico* entra em diversos sistemas de oposição, de acordo com o modo pelo qual é considerado o conceito”. Houaiss (2001, p. 1.750) traz, no verbete *léxico*, que se trata do “4 LING repertório total de palavras existentes numa determinada língua”.

Silva (2000, p. 142) acentua que

o léxico constitui-se do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e culturalmente definido; é o conhecimento partilhado que povoa a consciência do falante, onde esse acervo se configura como verdadeira janela através da qual o indivíduo divisa o seu entorno, ao mesmo tempo em que, ademais, revela os valores, as crenças, os costumes, os modismos que viabilizam a comunidade em que vive o usuário de tal e qual palavra. (SILVA, 2000, p. 142)

A partir dessas considerações, adotamos que léxico trata de palavras usadas pelos falantes da língua em situações socioculturais e comunicativas, que podem gerar novas palavras e/ou novos sentidos para as já existentes segundo as necessidades que os próprios falantes identifiquem nas interações, como é o caso dos regionalismos.

Em relação ao dicionário, Labate (2008, p. 47) aponta que, “embora a tipologia dos dicionários seja bastante diversificada, de maneira geral, os dicionários pretendem ser compilações, completas ou parciais, das unidades lexicais de uma língua”. O autor indica que “o dicionário, repositório da cultura de uma época, de uma sociedade, não só registra, mas também descreve os valores predominantes em determinado momento histórico”. Além disso, expõe que “o dicionário constitui-se em livro de referência que tem por objetivo registrar o léxico de uma língua para propiciar ao usuário um instrumento que lhe permita rápido acesso à informação que necessite compreendê-la”.

Nessa perspectiva, valemo-nos, para a análise que propomos, de um dicionário *online* lançado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, o *Paulistanês Dicionário*, com os termos tipicamente paulistanos e o que cada um deles significa. Inicialmente, selecionamos apenas as palavras que consideramos regionalismos, desprezando as, por nós, tidas como

caracteristicamente gírias¹ e utilizamos o que aponta Labov (2008) quanto às variações dentro de uma mesma língua que ocorrem, segundo o autor, com frequência e são para a Sociolinguística fatos comuns.

Ele também explicita, acerca de mudança linguística, que ela não pode ser compreendida fora da vida social da comunidade em que é produzida, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, ou seja, a explicação da mudança linguística, em suas palavras, “parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística.” (LABOV, 2008, p. 19)

Com isso, podemos afirmar que os fenômenos de variação e de mudança são naturais a todas as línguas, visto que variam e mudam sempre. Para corroborar tais noções, citamos Bagno (2001), que atesta:

Todo grupo social pode indicar a distinção entre os seus e os outros. Isso acarreta um duplo fenômeno: por um lado, o código linguístico utilizado por um grupo tenderá a se unificar no seio do grupo e, por outro lado, esse mesmo código tenderá a se distinguir de outros códigos, seja da sociedade em seu conjunto, seja de outros grupos. (BAGNO, 2001, p. 158)

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Entendemos que a Sociolinguística, como indicam Chambers (1995), Monteiro (2000), Mattos e Silva (2002), Camacho (2003; 2013), Mollica (2003), Cezário e Votre (2008) e Gonçalves (2008), trata de evidenciar a heterogeneidade inerente da linguagem, demonstrando que a variação é sistemática, regular e ordenada, além de estudar a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais. Além disso, que a variação funciona como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente.

Na visão de Lucchesi (2012, p. 794), “a concepção de um sistema linguístico heterogêneo e variável faz com que necessariamente a Sociolinguística defina o seu objeto de estudo como a comunidade de fala, a coletividade que usa concretamente a língua em um

¹ Amparamo-nos em PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUC, 1984., para a classificação dos termos dispostos no referido Dicionário, a fim de fazer a seleção dos regionalismos e não confundi-los com termos gírios.

contexto histórico específico”; em outros termos, conforme Labov (1994), o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social.

Camacho (2013, p. 19) salienta que a Sociolinguística “incrementou, nas últimas três décadas, uma nova compreensão da natureza ao mesmo tempo variável e mutável da linguagem”. E acrescenta: “Ativou também o reconhecimento do caráter regular e sistemático da heterogeneidade mediante um conjunto de estudos empíricos, de natureza quantitativa com foco na língua em uso no contexto social”.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) evidenciam que os sistemas coexistentes podem ser conhecidos como “estilos, mas também como padrões, gírias, jargões, jeito antigo de falar (*old talk*), níveis culturais ou variedades funcionais”. Os sistemas compartilhariam as seguintes propriedades:

1) oferecem meios alternativos de dizer “a mesma coisa”, ou seja, para cada enunciado em A existe um enunciado em B que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de B em contraste com A; 2) estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em A e B com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu status social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em A e B e entender a significação da escolha de A ou B por algum outro falante. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 97)

Afirmamos, então, que a Sociolinguística Variacionista, de base laboviana, torna-se um instrumental bastante profícuo para o que objetivamos neste artigo, sendo importante frisarmos que as análises consideram a variação e mudança linguística, assim como aspectos da lexicologia.

CONCEITUANDO REGIONALISMOS

Segundo Isquierdo (2006, pp. 9-10), “a questão da norma lexical regional continua a representar um desafio para os estudiosos da área”. Ela justifica o fato pela própria diversidade lexical que caracteriza a variante brasileira da língua portuguesa, diversidade que decorre da história social que individualiza as diferentes regiões do Brasil em termos de

processos de ocupação e de povoamento, de formação étnica da população e de características socioambientais que singularizam os diferentes espaços geográficos.

Biderman (2001, pp. 14-5) explicita que “discutir a configuração dos regionalismos no âmbito de uma língua implica considerar a noção de norma regional e popular, já que esses fatos linguísticos situam-se na esfera da variação lexical de natureza diatópica, ou seja, a variação que se processa no eixo horizontal ou espacial”. Para a autora, no caso do Português do Brasil, “a norma pode ser entendida sob duas perspectivas: num sentido mais amplo e num ponto de vista mais restrito”. Ela explica que, no primeiro caso, “tomam-se como referência, por exemplo, as normas americana e europeia, concebidas como variantes facultativas determinadas por uma tradição cultural e social, o que permite admitir a existência de duas normas dentro de um único sistema linguístico, o português”.

Para a segunda perspectiva, ao adotar como parâmetro apenas a norma brasileira, são focalizadas as normas representativas das diferentes regiões brasileiras, também concebidas como variantes condicionadas por fatores socioculturais. Esse ponto de vista conduz a duas noções de norma: “uma norma geral – a da sociedade global ou da nação – e as normas parciais, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade”. (BIDERMAN, 2001, p. 15)

Acerca de regionalismo, conceitualmente, para Bagno (1999), configura-se como um importante meio para retratar a identidade cultural de uma região, isto é, a linguagem é um reflexo desse regionalismo, uma vez que, por meio da fala, o indivíduo revela sua origem. Pires de Oliveira (1998, p. 111) assinala que “é no âmbito do léxico que verificamos com maior nitidez a deriva da língua, ou seja, as tendências já contidas no sistema, bem como as mudanças referentes a seu caráter dinâmico, mudanças essas que passam, num primeiro momento, pela esfera lexical”. A autora nos confirma que “a variante brasileira do português não se apresenta homogênea”.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: O REGIONALISMO PAULISTANO

Os dados foram selecionados do *Paulistanês Dicionário* disponibilizado, em versão *online*, pela Prefeitura Municipal de São Paulo, no endereço eletrônico <http://cidadedesaopaulo.com/paulistanes/> ou em <http://paulistanes.spturis.com.br/>. Como categorias de análise, utilizamos: dicionarização no Houaiss e interpretação do verbete

contido na base de coleta. Foram selecionadas 11 palavras/expressões do *Paulistanês Dicionário*.

Dessa maneira, foi feita a restrição de *corpus* necessária, sem perder a cientificidade da análise. Além disso, por opção metodológica, as palavras/expressões selecionadas estão dispostas em ordem alfabética e com seu sentido, exemplo de uso, dicionarização no Houaiss e interpretação do verbete.

É importante, nesse ponto, destacarmos o que sugerem Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 124), em relação à mudança linguística: “quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala”, ou seja, ao se inserir um novo conceito, a mudança poderia estar “encaixada na estrutura linguística” e gradualmente se generalizar de modo que o grupo social passe a utilizar um determinado termo importado.

Nessa perspectiva, seguindo os autores, avaliamos que a mudança linguística “começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada”. (2006, p. 125). Sobre esse aspecto, citamos Labov (2008, p. 290), que afirma: “de fato, valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. Os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente ‘têm o mesmo significado’”. Isso nos conduz ao entendimento de que a mudança linguística ocorre pela preferência quanto à manutenção das formas regionais em detrimento do termo disponível na norma culta para uso.

Passando à análise, o 1º termo em análise, **Ah, vá?!**, tem seu significado no *Paulistanês Dicionário* como “expressão que demonstra sarcasmo a um comentário óbvio/evidente ou a um pleonasma. Semelhante a ‘jura? é mesmo?’”. No exemplo de uso: “Vamos subir pra cima, porque...” “**Ah vá?! Jura que a gente vai subir pra cima e não subir pra baixo?**”. Nesse caso, trata-se de uma expressão que funciona como interjeição, não está dicionarizada no Houaiss. Notamos que a expressão traz em si uma motivação de ordem irônica que se apresenta como uma possível característica paulistana no sentido de “não se ter paciência para”, representando o cotidiano atribulado de grande parte dos moradores da capital paulista.

Balada vem disposta como “boate, discoteca, night/noite/noitada”, exemplificada com a seguinte frase: “Ai, essa **balada** tá arrasando!”. No Houaiss, a palavra consta, contudo não

traz, em nenhum de seus verbetes, o sentido de noitada. O termo é bastante característico do paulistano, uma vez que se estende a qualquer tipo de público, independente de idade.

Bolacha – “alimento seco, feito principalmente com massa de farinha. Versão paulistana da palavra ‘biscoito’. Ou também pode ser empregado indicando tabefe, tapa em alguém” – vem com os dois significados no *Paulistanês Dicionário*. Como exemplo: “Te dou uma bolacha na sua cara por ter comido a minha bolacha”. No Houaiss, o verbete traz:

- 1 Rubrica: culinária.
biscoito chato de farinha de trigo ou maisena, doce ou salgado
- 2 Uso: informal.
tapa aplicado no rosto com a mão espalmada; bofetada, bolachada
- 3 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Rio Grande do Sul.
advertência com caráter disciplinar; reprimenda, lição
- 4 Derivação: sentido figurado (da acp. 1). Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
coisa banal; trivialidade
- 5 Derivação: por analogia (da acp. 1). Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
suporte de papelão para copos e garrafas em forma de disco ou quadrado; rodelinha
- 6 Rubrica: indústria fonográfica. Uso: informal.
disco (fonográfico) de qualquer tipo
- 7 Rubrica: música. Uso: informal.
m.q. semibreve
- 8 Rubrica: zoologia. Regionalismo: Bahia.
m.q. bolacha-da-praia

O Houaiss apresenta o sentido regional em vários lugares, mas não o faz em relação ao paulistanês; no entanto, as entradas 1 e 2 referem-se à mesma ideia concebida como regionalismo paulistano. Observamos que existe, neste exemplo, uma configuração sinonímica bastante interessante do ponto de vista linguístico, já que o uso como biscoito é algo comum entre os paulistanos, configurando-se em um regionalismo típico, o que não ocorreria com o outro sentido para a palavra, que tem um uso mais abrangente em nível nacional, como sinônimo de *tapa*, *soco*, por exemplo.

Para **carta**, são indicados no *Paulistanês Dicionário*, “Carteira Nacional de Habilitação. Nome do documento oficial que, no Brasil, atesta a aptidão de um cidadão para conduzir veículos automotores terrestres” e o exemplo: “Agora tem simulador para tirar **carta**”,. O que nos chama a atenção é o fato de que o termo é citado no Houaiss, caracterizando um estágio mais avançado de variação, com sua dicionarização na entrada 6 do verbete:

substantivo feminino

1 mensagem, manuscrita ou impressa, a uma pessoa ou a uma organização, para comunicar-lhe algo

2 Derivação: por extensão de sentido.

tal mensagem, fechada num envelope, ger. endereçado e freq. selado

3 m.q. diploma ('documento oficial')

4 Rubrica: termo jurídico.

documento, título probatório ou aquisitivo de direitos

Ex.: c. de crédito

5 documento (título, atestado, autorização) passado por autoridades civis, militares etc.

Ex.: c. de recomendação

6 Regionalismo: São Paulo.

carteira de motorista

7 mapa

Ex.: c. do Brasil

8 cardápio

Ex.: c. de vinhos

9 cartão no qual se prendem pequenos objetos

Ex.: c. de alfinetes

10 Rubrica: ludologia.

cada uma das peças do baralho

No caso da expressão **CPF na nota**, é importante destacarmos que se trata de um projeto do Governo do Estado para coibir a sonegação fiscal. No *Paulistanês Dicionário*, vem como uma “expressão que indica incluir o número do CPF na nota fiscal para cadastro no programa Nota Fiscal Paulista”. Exemplo: “Crédito ou débito?”, “Crédito.”, “**CPF na nota?**”, “Sim, por favor. 440...”. É uma expressão que podemos considerar como regional em função de seus propósitos, não sendo restrita à capital, descaracterizando o que estamos analisando neste artigo; contudo, decidimos inseri-la por se tratar de algo bastante característico, que surge a partir de uma necessidade comunicativa e devido ao contingente populacional.

Em relação à palavra **farol**, trata-se da “versão paulistana da palavra semáforo/sinal”. Exemplo: *O farol abriu. Anda!*. No Houaiss,

1 construção junto ao mar, ger. em forma de torre, dotada de um foco luminoso na parte superior para orientar navios durante a noite

2 aparelhagem que produz esse foco luminoso

3 cada uma das lanternas que, colocadas na frente de um veículo, produzem focos luminosos de grande intensidade

4 Derivação: por metáfora.

o que ilumina ou encaminha; o que dirige ou lidera; guia

5 Regionalismo: São Paulo.

sinal de trânsito; sinaleira, semáforo

6 Derivação: sentido figurado. Uso: informal.
ostentação, falsa aparência com que se procura enganar ou seduzir os outros;
presunção, jactância

O Houaiss faz, na entrada 5, referência ao regionalismo paulistano, o que indicia um processo de variação e mudança, visto que o uso se tornou maciço e apresenta-se disseminado entre a população paulistana, mesmo que os migrantes não a utilizem, entendem o sentido. Isso se torna fundamental à medida que leva a um ponto de uso linguístico que já traz sua dicionarização, tem uso amplo e chega a ser de conhecimento por quem não a utiliza.

Quanto a **geladinho**, o *Paulistanês Dicionário* elenca sinônimos: “sacolé, chupe-chupe, sacolete, din-din, chupa-chupa, big-bem, juju, gelinho, suquinho, flau” e apresenta o exemplo: “OLHA O **GELADINHO!**”. Isso merece destaque, visto que não existiu no verbete qualquer conceituação, mas sim, uma exemplificação de como em outros lugares o termo é denominado. A palavra não vem dicionarizada no Houaiss, apesar de a palavra “geladinha” ser dicionarizada, não significando o feminino do termo.

Guia é uma palavra bastante usada no Brasil, com vários outros sentidos. Na nossa fonte, aparece como “meio fio, lancil, paralelepípedo entre a beira ou limite da calçada e a rua” e é exemplificada com a frase “Para de andar na **guia**, menino”. No Houaiss, são 24 entradas, das quais, na entrada 11, é indicada como regionalismo; todavia, isso não é posto como específico do paulistano. Em pesquisa paralela, levantamos que o Manual de Redação da Folha de São Paulo indica que para o termo: “guia – não use este regionalismo paulista no sentido de meio-fio”. Isso comprova a palavra como regionalismo paulistano.

Para a expressão “Meo”/“meu”, é importante frisarmos que houve dúvidas em sua classificação como um regionalismo e não como uma gíria; entretanto, ao consultar o conceito do Prof. Dino Preti acerca de gíria, constatamos que a expressão já ultrapassou o ambiente gírio e tornou-se um uso regional, independentemente de classe, escolaridade, idade ou gênero.

No dicionário que utilizamos em nossa coleta, vem como “prônimo de tratamento paulistano e/ou interjeição para chamar a atenção”. Exemplos: “**Meooo**, a minha vida é como um minigame: é repleta de desafios” e “...Guerrilheiro, forasteiro, ôrra **meu!**” – Rita Lee”. Não consta do Houaiss. Salientamos que o termo pode ser considerado como uma palavra que transitou em uso restrito, como gíria, mas seu uso disseminou-se a ponto de ser tornar um regionalismo, além de caracterizar o sotaque paulistano.

A palavra **padoca** é apresentada no *Paulistanês Dicionário* como “padaria”, com o exemplo: “Vai lá na **padoca** e compra pão pra mãe, filho?”. Não está registrada no Houaiss. O termo é muito típico do paulistano, sendo até necessário ‘tradução’ para quem não vive em São Paulo, a fim de se obter o significado.

Pebolim traz o sentido no *Paulistanês Dicionário* de “futebol de mesa, totó, fla-flu ou ainda matraquilhos, matrecos ou perceberitos”. Exemplo: “Lá no acampamento tem quadra de futebol, piscina, sinuca, **pebolim** e até tirolesa”. No Houaiss, vem como “Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. m.q. futebol totó”. Apesar de não ser exclusivo do paulistano, é na capital paulista que seu uso se disseminou, caracterizando-se como regionalismo.

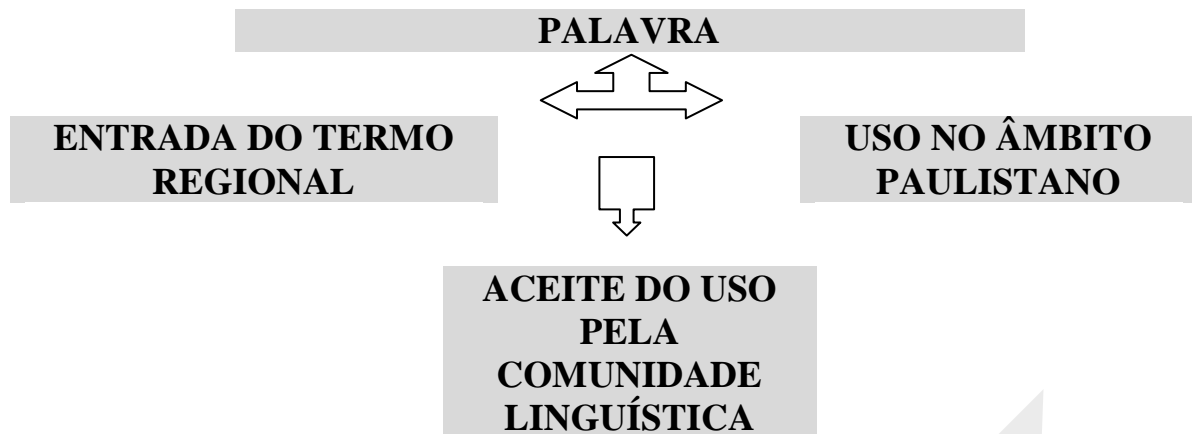
Assim, seguindo Labov (2008, p. 313), “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”, e isso implica a mudança linguística, em nossa visão, promovendo a opção do uso do termo regional pelos paulistanos.

CONCLUSÃO

Neste artigo, elaboramos uma análise na perspectiva laboviana e contemplamos aspectos da lexicologia sobre os regionalismos paulistanos em que comprovamos usos específicos e característicos dos falantes da capital paulista, a partir do levantamento realizado no dicionário *online*, disponibilizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo.

Cumprimos nosso objetivo, ao ter provado que existem palavras bastante específicas e características de uso no âmbito sociocultural do paulistano, a que se denomina comumente paulistanês. Além disso, comprovamos que são termos de uso irrestrito na circunscrição paulistana, independentemente de grupo social, escolaridade, idade – categorias comuns em análises sociolinguísticas, mas que no tratamento de expressões regionais podem ser tratadas periféricamente.

Como assevera Camacho (2013, p. 146), “a análise da variação sociolinguística se ocupa, dessa maneira, das escolhas que fazem os falantes entre as alternativas disponíveis independentemente da proveniência estrutural dessas escolhas”. O quadro a seguir, elaborado por nós, ilustra isso:



Assim, focamos os termos regionais ou paulistanês, como um uso covariante que leva a uma implementação de mudança linguística, via variação, se considerada a opção da variável em detrimento da variante, encontrada nos dicionários comuns, conforme verbetes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. e IZQUERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, pp. 189-198.

BAGNO, M. *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São Paulo, 40: 27-46, 1996.

BIDERMAN, M T. C. Fundamentos da Lexicologia. In: *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. pp. 99 – 155.

CAMACHO, R. G. *Da Linguística formal à Linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CAMACHO, R. G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (orgs) *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

CEZARIO, M. M. e VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 141-155.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.

DUBOIS, J. *et al.* *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

GONÇALVES, C. R. *Uma abordagem Sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. 349p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, 2008.

GUERRA, M. M. e ANDRADE, K. de S. O léxico sob perspectiva: contribuições da Lexicologia para o ensino de línguas. *Domínios da Linguagem*. v. 6, n° 1, 1° Semestre, 2012. pp. 226-241.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, A. N. Brasileirismos, regionalismos e americanismos: desafios e implicações para a lexicografia brasileira. In: BERLINCK, R. de A.; GUEDES, M. e MURAKAWA, C. de A. A. (Org.) *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. pp. 11-29. (Trilhas Linguísticas, 8)

LABATE, F. G. *Vocabulário da economia: formas de apresentação dos estrangeirismos*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. 136p.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1

LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41(2): p. 793-805, maio-ago 2012.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In: BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIRES DE OLIVEIRA, A. M. Brazilianisms and regionalisms. *Alfa*, São Paulo, 42(n.esp.): v. 42, p.109-120, 1998.

SILVA, M. E. B. da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, J. C. de (Org.). *A língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WEINREICH, U.; LABOV, W. e HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ABSTRACT

This article works with the São Paulo city's regionalisms under the perspective of linguistic variation. It aims at analyzing the typical terms used in the São Paulo state capital, which are marked by the use of its population. This study is grounded on the Labovian theory and on lexicology. Data were collected from a dictionary by selecting words for discussion and analysis. It is concluded that there are very specific words and characteristics of use in the sociocultural context of the São Paulo citizens, which is commonly called "paulistanês" (paulistanese).

Keywords: Sociolinguistics, Linguistic Variations, Regionalisms, Paulistanês (paulistanese).

Envio: Março/2014

Aprovado para publicação em Abril/2014